

“EU” E AS MIL FACES DA PALAVRA EM AUGUSTO DOS ANJOS

Élen Rodrigues Gonçalves*

André Monteiro Guimarães Dias Pires**

RESUMO:

Visando estabelecer uma interface com concepções teóricas sobre o olhar e o devaneio poético, na busca da palavra visível, este trabalho pretende investigar os artifícios das imagens do poético, presentes na lírica de Augusto dos Anjos, mostrando, dessa forma, uma nova visão interpretativa sobre sua poesia. Reconhecida como uma forte reação aos preceitos do século XIX, a lírica de Augusto dos Anjos produz uma realidade sensível, na medida em que se apresenta materialista e cósmica.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto dos Anjos; Devaneio poético; Imagem poética; O olhar.

O olhar deseja sempre mais do que o que lhe é dado a ver
Adauto Novaes

É assim mesmo que eu quero ser olhado
Caetano Veloso e Torquato Neto

O presente trabalho pretende não só realizar um esboço da imagem poética que subjaz à lírica de Augusto dos Anjos, através da obra *Eu e Outros Poemas* (2006), mas também desvelar como a melancolia – condição da modernidade ocidental – consubstancia sua obra. Essa melancolia representa uma resposta a um padrão consolidado, a um arquétipo predominante de visão de mundo ao qual o poeta não consegue jamais se ajustar, concebendo, dessa maneira, uma poesia que aceita o não lugar

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

** Doutor e pós-doutor em Estudos da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Publicou os livros *A ruptura do escorpião* – Torquato Neto e o mito de marginalidade e *Ossos do Ócio*.

da vida real, isto é, o distanciamento das coisas da vida. Para isso, Augusto utiliza mecanismos de desconstrução do símbolo para revelar a própria simbologia em sua escrita.

É necessário ressaltar, primeiramente, que o intuito de revelar as imagens do poético, em Augusto dos Anjos, não significa dizer que sua poesia é visual, ou seja, que ela é fruto do trabalho com o signo linguístico, gerando uma poesia para ser vista ou representada por sua verbivocovisualidade. Trata-se, antes, da intenção de se fazer um estudo da palavra visível.

Em sua proposta da visibilidade, Ítalo Calvino afirma que podemos distinguir “dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem para chegar à expressão verbal” (CALVINO, 1994, p. 232). O que se sabe é que ambos se esmeram para abarcar o aspecto sensível de tudo o que não é visível e sobre o qual repousa o poético. A poesia de Augusto dos Anjos escapa à expressão e consegue apresentar o inapresentável, o indizível. Poeta completo na medida em que, para ele, tudo aspira à arte, Augusto dos Anjos constrói sua lírica alicerçando-se em infinitas intensidades imagéticas.

Como a visão concentra em si a inteligência e as paixões, a linguagem é o apelo da alteridade, na qual o homem está imerso, e a ela recorre o tempo todo. Se, “poeticamente, o homem habita” (HEIDEGGER, 2001, p. 165) na linguagem, a poesia é a medida do homem.

As concepções do olhar como presença no visível e no desejo serão diluídas pela episteme da representação que caracterizará o Classicismo. A partir dessa época, acrescentar-se-á, na arte, a ótica geométrica e a fenomenologia da percepção, excluindo, dessa forma, do campo visual o desejo e o gozo.

Em contrapartida, Augusto dos Anjos se encontrará imerso num mundo pensante e repleto de tensões políticas e culturais que propõem mudanças epistemológicas radicais. O século XIX, eminentemente cientificista, é fonte também de teorias e doutrinas de estruturas racionalistas e irracionais¹. Nesse sentido, na tentativa de descobrir a

¹ Esse termo é citado por Antonio Houaiss, em *Seis poetas e um problema* (1967).

“poesia pura”, o saber poético dessa época “desnuda-se”, a despeito de toda a fórmula estética parnasiana, ou mais, de toda a poesia anterior a ela. Essa “poesia pura” surge do espírito irracional, não conceitual da linguagem, oposta a toda interpretação lógica e direta.

Ao mesmo tempo em que a ciência moderna volta-se contra o mundo dos sentidos, em nome de novas formações de pensamento em que não há espaço para paixões e desejos, Augusto dos Anjos apropria-se de uma linguagem cientificista e filosofante para deixar exteriorizar o mundo que ele percebe e vê. Para o poeta, o mundo sensorial, tal como o real (aquele das propriedades matemáticas, passíveis de ser descobertas apenas pelo intelecto) coabitam, coexistem e reagem à mesma sintonia nas suas poesias. Em “Monólogo de uma sombra” (ANJOS, 2006, p. 95), o poeta afirma que “a realidade é uma esfera opaca” e prova pelas razões do sentimento – caminho que a ciência não pode compreender –, “Que a mais alta expressão da dor estética/ Consiste essencialmente na alegria”.

O que se produz, em sua poética, é, portanto, uma realidade sensível. Ou seja, a determinação platônica de estabelecer uma dicotomia entre o inteligível e o sensível, entre a ideia e a imagem, – divisão esta que predominou em toda concepção de mundo, desde a Idade Clássica à Moderna Ocidental, apenas variando em suas diferentes formas de interpretação – não se aplica no objeto da palavra que Augusto transforma em poesia.

Por outro lado, não se pode deixar de apontar que é “Platão que exige muito mais da palavra: *ideia* não designa apenas o aspecto não sensível do que é sensivelmente visível: é essência daquilo que se pode escutar, ver, tocar, sentir” (HEIDEGGER², 1958, *apud* NOVAES, 2003, p. 11). Para Platão, a ideia é atômica (*atomos eidos*), é indivisível, indissolúvel, inalterável. No entanto, se os átomos se movem uns contra os outros e se opõem ativamente no espaço-tempo físico, as ideias, assim sendo, podem ser concebidas em todo o lugar, todavia sem agir em nenhum lugar e jamais.

Em Augusto dos Anjos, a “Ideia” (ANJOS, 2006, p. 98) é a luz que “Vem da psicogenética e alta luta/ Do feixe de moléculas nervosas,/ Que, em desintegrações

² M., HEIDEGGER. *Essais et conférences*. Paris: Gallimard, 1958.

maravilhosas,/ Delibera, e depois, quer e escuta!”. Contudo, ela já chega à laringe “tísica, tênue, mínima e raquítica” sem deixar, embora quase morta, de esbarrar “no molambo da língua paralítica” para ganhar corpo e se tornar, enfim, palavra viva.

A poesia de Augusto revela a passagem da “carne” do mundo na “carne” do leitor para que dela se faça presente um novo visível. Sua poesia é materialista e cósmica na medida em que penetra no homem/ leitor e toca seus sentidos. O poeta maneja as palavras de acordo com o seu “individualíssimo sentir”, nas palavras de Orris Soares (ANJOS, 2006, p. 39). Augusto sempre viu e sentiu a vida amparada por uma perspectiva sofredora e angustiada, de modo que sua poesia representa uma cosmovisão tão singular e particular, que o destino do homem, para ele, parece tender para a desgraça essencial, como deixam claro os versos de “Eterna Mágoa” (ANJOS, 2006, p. 165):

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois nada há que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim, não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda!

Sua poética manifesta o problema da afirmação teleológica do ser, do ser humano, sobretudo, na sua ânsia de conhecimento, de explicação, como se pode perceber nos versos de “Poema Negro” (ANJOS, 2006, p. 161):

Para iludir minha desgraça, estudo.
Intimamente sei que não me iludo.
Para onde vou (o mundo inteiro o nota)
Nos meus olhares fúnebres, carrego

A indiferença estúpida de um cego
E o ar indolente de um chinês idiota.

A passagem dos séculos me assombra.
Para onde irá correndo minha sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:
- Quem sou? Para onde vou? Qual a minha origem?
E parece-me um sonho a realidade.
(...)

O título “Eu”, que leva o nome da obra, não é gratuito. Trata-se de uma autoficção: “Eu” é Augusto, “filho do carbono e do amoníaco” (ANJOS, 2006, p. 98), assombrado por sua própria sombra magra, na medida em que traça a sua via *crucis*. Em sua poesia, encontra-se espelhada a imagem de Augusto, o poeta. O “Eu” é ele sinceramente, no seu maior alento e desalento, no paroxismo do seu sentir. Como obra, é um livro de sofrimento, de rancor e de sinceridade: o poeta sofre as mesmas dores que consomem o homem e dilacera o cosmos, e protesta pelo que no homem e no cosmos há de incoerente, ilógico e irracional. Em “Saudade” (ANJOS, 2003, p. 222), o eu poético afirma:

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noute quando em funda soledade
Minh’alma se recolhe tristemente,
Pra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.

Pode-se perceber que, no decorrer de sua obra, Augusto dos Anjos elabora a dessacralização e desconstrói o lirismo poético, sem, contudo, eximi-lo da poesia. Esta permanece, manifestando sua consciência e mostrando a paisagem da sua própria alma.

Para Bachelard (2001), o devaneio poético é um devaneio cósmico que nos abre para o mundo e para o belo. Nós somos arrastados para o cosmos pelos poetas, que vivem a solidão. Penetrar na esfera poética de Augusto é dar-se conta de uma imensa variedade vocabular e imagética que chamam a atenção do olhar – o princípio cósmico.

O devaneio do poeta, portanto, consiste em experimentar o caráter operante, na tentativa de produzir algum efeito. O que, de fato, ocorre. Augusto nos remete a um mergulho de seu próprio eu que nos leva à imanência, ao telúrico, ao desmoraonamento do mundo, do seu mundo. Ao confidenciar-nos suas impressões da vida por meio de formas linguísticas, símbolos míticos, e até ritos religiosos e cabalísticos – elementos através dos quais forma-se a “rede simbólica” de sua própria experiência –, ele se transforma no “animal *symbolicum*” (DORFLES, 1992, p. 24).

Pode-se dizer que Augusto dos Anjos é um poeta da profusão palavra-imagem. Em sua poesia há uma forte tensão fisiológica que pulsa, associada a uma espécie de constelação linguística que revela o corpo em suas vilosidades, em seu estado de decomposição, a mente em putrefação.

Apóstrofe à carne

Quando pego nas carnes de meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
- Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol posto...

E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa a mortalha
O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeco fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos.

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,

Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!
(ANJOS, 2006, p. 182)

Ao apropriar-se da palavra, ele cria uma espécie de “credo estético” (COUTINHO, 1986, p. 319) baseado no subjetivismo, no individual, na instabilidade e imprecisão, no misterioso e simbólico. Todos esses elementos remetem a uma riqueza de imagens que se encontram em seus versos. Contemplar as palavras, mais do que vê-las, constitui a beleza muda do poema. Palavras que nos fazem ver o “vínculo secreto entre o olhar e o conhecimento” (CHAUI in NOVAES, et al., 2003, p. 34). A sua poesia se faz uma presença da verdade metafísica. No poeta, por sua vez, essa verdade metafísica virá de maneira espontânea, pelos caminhos do sentimento.

Convém diferenciar a visão e o olhar. Para Platão, enquanto o primeiro está associado aos simulacros dos corpos, dos objetos, dos artefatos, o segundo concentra o domínio das ideias, onde falha a visão. Daí, a atividade do filósofo: *théorein*, contemplar, examinar, observar. O olhar se torna a causa do saber. Lá onde está a visão, Augusto descobre a pulsão e é ela que confere o caráter de beleza à poesia e permite que o sujeito a “toque com os olhos” e desnude com o olhar.

O ver abre todas as extensões finitas ao desejo, mas ver apenas não basta. É necessário descobri-lo e, no entanto, compreender a impotência de realizá-lo. À medida que os homens têm – por natureza – o desejo de conhecer, desenvolvem, por conseguinte, a faculdade de criar imagens, uma vez que elas resumem certo trabalho de pensamento, ou trazem-lhes certas referências simbólicas.

Assim é a palavra: ela se dissimula aos nossos olhos, ao mesmo tempo em que nos lança ao que ela significa. Por isso, a nossa tentativa, muitas vezes vã, de captar as palavras secretas que o olhar murmura, ou de procurar transmitir, ao olhar alheio, os sentimentos que escapam à expressão do nosso ser, por temer que sejam levados ao esquecimento. Como Alfredo Bosi, na *Fenomenologia do Olhar*, “o ato de olhar significa um dirigir a mente para um ‘ato de in-tencionalidade’, um ato de significação que, para Husserl, define a essência dos atos humanos” (BOSI in NOVAES, et al., 2003, p.65).

Os olhos do leitor recebem passivamente a alegoria de palavras nas poesias do *Eu*. Trata-se de uma verdadeira sarabanda de conceitos e nomes que se contrapõem interminavelmente e que resumem a unidade do “ser” do poeta. Palavras que transitam perdidas entre “Treva e fulguração; sânje e perfume; / Massa palpável e éter; desconforto / E ataraxia; feto vivo e aborto...” (ANJOS, 2006, p. 204), e que revelam todas as imagens multívagas de seu cosmos luminoso.

Ao valer-se da poesia como seu ato de comunicação, o poeta seleciona as palavras organizando-as conforme sua vontade. Esse trabalho de seleção encontra-se intimamente ligado à intenção do poeta de evidenciar o que há de palpável e de material nos signos. A exploração do signo linguístico na lírica de Augusto revela o belo e o inusitado das imagens do poético. Segundo Bachelard (2001, p. 166), para o poeta a metáfora já não lhe basta. Ele precisa da imagem e, para isso, beberá na taça do mundo, porque é esta a embriaguez verdadeira.

Tudo o que o olhar observa é símbolo de algo velado, oculto. Augusto dos Anjos não postula o mundo interior onírico com um mundo alternativo e preferencial. Diferente dos seus contemporâneos, ele reflete sobre a sua incapacidade de ver o mundo tão exterior à sua *persona* que, por efeito disso, devora seus olhos crus “numa antropofagia de faminto!” (ANJOS, 2006, p. 120):

Solilóquio de um visionário

Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!

A digestão desse manjar funéreo
Tornado sangue transformou-me o instinto
De humanas impressões visuais que eu sinto,
Nas divinas visões do íncola etéreo!

Vestido de hidrogênio incandescente,
Vaguei um século improficuamente,
Pelas monotonias siderais...

Subi talvez às máximas alturas,

Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessário que inda eu suba mais!

Essa autodevoração, esse ato de alimentar-se de si, revela que a incapacidade de ver afeta a existência do próprio sujeito. O *olhar*, por sua vez, desloca-se para fora das coisas, para tão além, que o sujeito acaba por tornar-se alheio a si mesmo e, por esse motivo, ele se dissolve, travestido de hidrogênio – porém incandescente, portanto, vivo e corpóreo – para devorar tudo pela consciência.

No entanto, quando a realidade aparece para Augusto como um sonho, e a angústia atordoalha-o o peito, descobre-se um olhar exaustivo, desapaixonado e indiferente porque intimamente sabe que é impossível se iludir:

Poema Negro

(...)
Nessa sombria análise das cousas,
Corro. Arranco os cadáveres das lousas
E as suas partes podres examino...
Mas de repente, ouvindo um grande estrondo,
Na podridão daquele embrulho hediondo
Reconheço assombrado o meu Destino!

Surpreendo-me, sozinho, numa cova.
Então meu desvario se renova...
Como que, abrindo todos os jazigos,
A Morte, em trajos pretos e amarelos,
Levanta contra mim grandes cutelos
E as baionetas dos dragões antigos!

E quando vi que aquilo vinha vindo
Eu fui caindo como um sol caindo
De declínio em declínio; e de declínio
Em declínio, com a gula de uma fera,
Quis ver o que era, e quando vi o que era,
Vi que era pó, vi que era esterquilínio!

(...)
(ANJOS, 2006, p. 161-162)

O ato de ver tornou-se provocação suficiente para a queda do eu poético. Esse olhar que, enraizado na corporeidade do ser humano e que abre um espaço “habitado

pelas imagens errantes de um cosmos luminoso” (BOSI in NOVAES, et al., 2003, p. 67) foi, também, um mergulhar na treva íntima do “eu”.

Um olhar que transcende o olho físico e que não mais contempla apenas, mas que trata, também, de um ver-sentir e demonstra as duas dimensões da existência ao revelar um “eu” que se desdobra em outros “eus”. O poeta, por conseguinte, é fruto de fragmentações: suas subjetividades em processo são construídas o tempo todo. O “eu” da escrita que não é, mas que está sendo.

A poesia deve representar, antes de tudo, os pensamentos e as emoções do poeta. Ela é, de fato, um inutensílio programado, uma vez que, ao participar dentro de uma sociedade em que tudo o que existe deve ter alguma posição, ela ainda continua a existir. A poesia, ainda assim, tem uma função social. Ela independe do número de leitores, do número de publicações, ou de como a publicidade transforma a imagem do poeta. Sua preocupação mais fundamental é com a sua linguagem mais imediata, reflexo do cotidiano. Compreendê-la no seu sentido meramente linguístico é muito pouco, é insuficiente, posto que ela se encontra ligada a uma espécie de inquietação do sujeito. Inquietação esta que pode, também, ser convertida em uma inquietação social, na medida em que a essência lírica e a vida social caminham paralelamente.

Essa nova perspectiva abre espaço para constatar que o “eu” de Augusto dos Anjos eleva-se a uma nova interpretação da visão de mundo do poeta, em que o eu-indivíduo transforma-se no eu-coletivo, que se manifesta, por sua vez, de maneira crítica por meio de seus poemas.

A melancolia – aludida no início do artigo – que se encontra sempre presente na lírica de Augusto, além de se configurar como uma condição da modernidade ocidental, já fatigada pelos excessos do *mal-du-siècle*, conduz ao seu grau de sentido mais profundo: o “Eu” reflete, sobretudo, uma cosmovisão universal, uma vez que o poema lírico, ao tratar do mergulho do sujeito em sua própria subjetividade, evidencia o “universal humano” (ADORNO, 2003, p. 66).

É necessário reconhecer, portanto, não só a expressão estética da obra de arte, isto é, a vida por dentro da obra, mas sim, a vida por fora dela, revelada socialmente. Até

mesmo a ideia de se criar uma lírica individual que proteste contra um mundo que não é mais adequado ao indivíduo e cujas representações do poético explicitem seu desconcerto em relação a essa realidade, já é, em si mesma, uma manifestação social.

Essa maneira individual que o poeta tem de ver e sentir o mundo é um modo de reação à reificação do homem e de sua existência. É possível lembrar-se de Adorno na *Palestra sobre lírica e sociedade*:

Ao protestar contra a existência, a poesia exprime o sonho de um mundo em que as coisas sejam de outro modo. A idiossincrasia do espírito lírico diante do predomínio das coisas é uma forma de reação à reificação do mundo, ao domínio da mercadoria sobre o homem, que desde o início da era moderna se estendeu e, desde a época da revolução industrial, se alargou como poder dominante da vida. [...] e a debilidade estética desse culto das coisas, o gesto ostensivamente misterioso, a mistura de religião e de artes decorativas, revela ao mesmo tempo a violência real da reificação que já não se deixa acolher na mente e que nenhum sopro lírico pode dourar. (ADORNO, 1979, *apud* BERNANDERLLI, 2007, p.13-41)

Embora Augusto dos Anjos esteja inserido, cronologicamente, entre os Simbolistas brasileiros e seja caracterizado por sua linguagem sincopada e agressiva; embora seja conhecido por sua filosofia da Dor e da Vontade, decorrente de Schopenhauer; embora tenha recebido influências de Baudelaire e sua filosofia da decomposição, de Hegel e a filosofia dialética e idealista, de Darwin, Haeckel e Spencer e suas teorias evolucionistas(cf.: MOISES, 1987), Augusto, por baixo dessa pluralidade de estilos, revela uma fisionomia una. Sua lírica não pretende ser confessional, mas revelar mensagens depuradas de toda ideologia subjetiva.

Há, ao menos, um aspecto que o aproxima do Simbolismo: tudo se passa no domínio do sensível e do inteligível. Sua essência é a emoção poética. A manifestação do poético apenas resume certo trabalho de pensamentos ou traz referências simbólicas a certos objetos de pensamento.

Augusto dos Anjos se vê ligado a certa recusa, a uma rejeição que o faz esforçar-se para não amar o que o seduz, ao mesmo tempo que acredita amar aquilo que não ama.

Entretanto, apesar de todo o antagonismo recorrente em sua poesia, a quimera cede lugar a um sentimento mais íntimo e verdadeiro, porque “ninguém doma um coração de poeta!” (ANJOS, 2006, p. 157).

“EU” AND THE THOUSANDS FACES OF THE WORD IN AUGUSTO DOS ANJOS

ABSTRACT: Aiming to establish an interface with theoretical conceptions about the look and poetic reverie, in search of the visible word, this paper aims to investigate the artifice of the poetic images present in the lyrical poetry of Augusto dos Anjos, showing thus a new view on the interpretation of his poetry. Recognized as a strong reaction to the precepts in the Nineteenth Century, the lyric of Augusto dos Anjos produces a sensitive reality, as it presents itself cosmic and materialistic.

KEYWORDS: Augusto dos Anjos; Poetic imagination; Poetic reverie; The look.

Referências

- ADORNO, W. Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de literatura 1*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 65-89.
- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BERNANDERLLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.13-41.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, A., et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, Espelho do mundo. In: NOVAES, A., et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COUTINHO, Afranio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 4 vol., 3 ed., 1986, p. 314-324.
- DORFLES, Gillo. *O dever das Artes*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 23-32.
- GONÇALVES, Helena Maria Rodrigues. *O texto palimpsesto de Arnaldo Antunes*. Niterói, 2005. 148f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2005. p.33-42.
- _____. *Palavra visível e pintura leve*. Monografia apresentada ao curso Biografia e Ficção: dimensões críticas da narrativa portuguesa do século XX, do Programa de Pós-Graduação de Faculdade de Letras da Universidade Federal de Fluminense. 2003.

- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferencias*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p.165-181.
- HOUAISS, Antonio. *Seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Culturais, 1967, p.45-55.
- LIMA, Alceu Amoroso. Augusto dos Anjos. In: *Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1948, p. 190-195.
- MOISES, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- NOVAES, Adauto. De olhos vendados. In: NOVAES, A., et al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1973, p. 87-154.
- SOARES, Orris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: Augusto dos Anjos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 35-55.
- VALERY, Paul. Existência do Simbolismo. In: _____. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999, p. 63-76.

*Recebido em 17/09/2011.
Aprovado em 22/12/2011.*